

CHE - CÂMARA DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E EDUCAÇÃO (COMUNICAÇÃO COORDENADA)

NOME: DOUGLAS TOMÁCIO

TÍTULO: HISTÓRIA DO SER PEDAGOGO E DA PEDAGOGIA NO BRASIL: TRAJETOS FORMATIVOS E IDENTIDADES EM DISPUTA SOB DISCURSOS LEGAIS TEÓRICOS E PROFISSIONAIS

AUTORES: DOUGLAS TOMÁCIO, DOUGLAS TOMÁCIO, THÁIS LOURRANY, CAMILLA PALHARES, PALOMA BRAVO, JULIANA LOCATELLI

PALAVRA CHAVE: PEDAGOGO, PEDAGOGIA, IDENTIDADE PROFISSIONAL, PERCURSO HISTÓRICO

RESUMO

O presente trabalho, fruto de pesquisa ainda em curso, surge com vistas a discutir o processo de formação e atuação do profissional pedagogo no contexto brasileiro, mais especificamente durante a década de 1970, lançando indagações inclusive (e principalmente) acerca da figura deste profissional, constantemente ressignificada ao longo das décadas. Cabe destacar que, muito embora tenhamos nos aprofundado em um recorte temporal específico – objeto primeiro de nossa investigação – até para o entendimento mais aprofundado, perpassamos por diferentes contextos, buscando perceber os processos de rupturas e permanências que ainda hoje se fazem sentir na configuração daquilo que vem a ser o profissional pedagogo. Nisso atentos, ao longo de toda a investigação, tem nos sido clara a necessidade de uma abordagem que, sensível aos diferentes momentos históricos e suas especificidades político-sociais, se lança a entender também o curso de Pedagogia, desde sua concepção, quando ainda da década de 1930, até o contexto hodierno.

Para tanto, detivemo-nos em uma análise que, ampliada, tem privilegiado o estudo em variadas frentes, quais sejam: a análise da legislação que referenda a atuação/figura do profissional pedagogo no supracitado espaço-tempo; o estudo bibliográfico aprofundado em autores referenciais, tais como Libâneo (2005), Cury (2010), Ribeiro e Miranda (2010), Pimenta (1997), Silva (1999), dentre outros; e, por fim, a perspectiva do próprio sujeito pedagogo que, formado e atuante na década investigada, por meio de entrevista semi-estruturada – a partir da Metodologia do Museu da Pessoa, RJ – tem fornecido elementos que, por vezes, escapam à análise mais abrangente, ao trazer à tona o cotidiano de seu trabalho e a percepção que deste tinha/tem.

Por meio dessa busca investigativa, temos visualizado um curso que, ratificando projetos societários em disputa, perpassou por diferentes entraves e avanços no que se refere à constituição de uma identidade que se fizesse firmar/reconhecer. Segundo o referencial bibliográfico levantado (bem como através da análise da legislação vigente), ao focalizarmos o recorte supracitado a partir do que estabelecido foi pelo Conselho Federal de Educação (CFE), após os idos de 1969, observamos, por exemplo, elementos a reconfigurar de distintos modos o curso e, por conseguinte, o profissional que nele se formava, elementos tais como a possibilidade de criação de habilitações diversas; a exigência de estágio para qualquer das habilitações, em clara valorização do contato com a realidade educativa para a qual se habilitava o graduando; o magistério como condição para aspirantes à orientação educacional, exigência estendida à administração e supervisão escolares e, em 1972, a todas às habilitações previstas, inclusive determinando o tempo mínimo necessário de estágio, dentre outros. Este último, em suma, trazia consigo o reconhecimento de que "[...] para o ato de educar convergem todas as atividades escolares" (RIBEIRO; MIRANDA, 2006:04). Fator que dialoga com a concepção da docência enquanto centralidade do curso, perspectiva destacadamente crescente a partir da década de 1980 e que hoje, ampliada, se configura como a centralidade na formação dos pedagogos.

No entanto, se uma nova identidade se firmava e o perigo de se extinguir o curso (a exemplo do que se pregava nas década de 1960) se fazia pormenorizado, algumas outras críticas entravam em cena. De acordo com Silva (1999), é nesse contexto que sobressaltadamente percebemos a ausência de consistência epistemológica e a proposta ambivalente da formação do pedagogo, provocando o que denominou de "inchaço do curso de Pedagogia" (p.60), com a divisão das especialidades pedagógicas que, segundo o autor, demarcam a pretensão excessiva da formação em questão.

Tais considerações, entretanto, quando comparadas aos discursos das entrevistadas, que neste mesmo momento se formaram e atuaram, ganham novos contornos, possibilitando-nos inferências outras e, assim, sedimentando as passadas da pesquisa; de modo a permitir um claro debate acerca de como, no âmbito do CFE, se pensava a educação e os cursos formativos e, por outro lado, como os sujeitos, pedagogos/graduandos, os percebiam/sentiam efetivamente.

Até o momento, como similitude básica nas variadas frentes de investigação, o trabalho tem sinalizado para uma formação/atuação em que o ato de educar era concebido quase que a partir do ser "transmissor de conteúdos", dando-nos indicativos de uma perspectiva técnica que, corroborando com o contexto sociopolítico brasileiro, assinalava uma organização racional, mecânica e etapista, que alicerçada estava na tríade eficiência, eficácia e produtividade. Cabe lembrar, conforme Gidens, apud Tomácio (2014), que é a partir da década de 1970, com o advento do que denominamos toyotismo, que a modernidade (agora radicalizada), na era da globalização, forja uma nova concepção de indivíduo e de cidadania, prefigurando significativa reorientação na esfera econômico/social, que, por sua vez, adentra à escola e reconfigura o processo educativo. Tal movimento, percebido inclusive nas reorientações legais, paulatinamente, redesenhava, sob as passadas do conflito, as percepções dos sujeitos pedagogos acerca de seu próprio ofício.

Enfim, tem nos sido claro que o fazer desse profissional, bem como a constituição de sua identidade, e o curso de Pedagogias em si, em todo momento, devem ser analisados à luz do contexto social brasileiro, como postula Libâneo (2005), sem, contudo, incorrer no risco de perder do foco as especificidades do contexto de atuação do profissional, este resgatado, principalmente, por meio do discurso do próprio sujeito pedagogo. A partir do que até então dispomos, é possível assinalar uma conflitante configuração dessa identidade profissional, e tão logo do seu fazer diário, elemento que, de algum modo, diz-nos dos debates que ainda hoje se assinalam no campo educativo.